

Carta a Madalena

“Só quando um ritual se situa ao nosso nível somos capazes de o viver”¹

Peter Brook

Falas da potência do movimento. Da quietude. Lançar os dedos, lançar os dados. Creio em todas as tuas palavras adiante escritas porque reconheço-as como sentidas e interpretadas. Em todos os anos que te conheço, representas nos passos de cada pessoa uma dança constante que em ti se apodera dos minutos, das horas, dos dias. Pobres somos os desarticulados pedestres que de calcorrear em calcorrear só queremos subir escadas ou apanhar o autocarro! Ao largo, um horizonte ausente, tudo por inscrever nos gestos, por ler desde o lento e relutante arrastar dos lençóis matinais até ao apego à cafeína depois do almoço. Somos, a maior parte, uma parte ausente de nós. Corremos voláteis entre tarefas coladas pelo cuspo da distância curta, mesmo quando de avião.

Ao contrário, os teus gestos, o sentido da leitura do Eu, do Outro, do eu, do outro, a natural atitude de olhar com desenho pelo meio.

As propostas tuas neste projecto são um exercício ritual. Mas é um ritual iniciático e propositivo. Elevas os visitantes em escadas invisíveis, de forma a torná-los capazes de o viver.

O ponto de partida para esta descoberta pessoal é um trabalho que teces com meridiana precisão e sem concessões para com as feiras de vaidades, onde o invólucro se confunde com o conteúdo, pois não há nada mais natural no exercício da vaidade que ser ela o seu próprio conteúdo.

Os vestidos cinzentos deste percurso têm as cores possíveis da invenção de cada espectador, diria participante, nesta exposição, diria, projecto.

¹ Brook, Peter, “L’Espace Vide”, Seuil, 1977, Paris

*“Cai a noite a mudar devagar os vestidos
que uma franja de árvores velhas lhe segura;
olhas: e separam-se de ti as terras:
uma que vai para o céu, outra que cai”*²

Circular pelo País. Será assim com os teus vestidos cinzentos e as suas danças que se espera possuídas por incontáveis visitantes. Que o espírito do Xamã liberte o lince, faça a águia. Mas, por vezes, vivemos soterrados por pombos e gatos.

A opção de cada um, está no caminho de Ulisses. No Canto IV da Odisseia, chega Telémaco e o seu filho Nestor às portas do palácio de Menelau. O escudeiro do Rei, vai transmitir a notícia e diz-lhe:

*“Estão aqui dois estrangeiros, ó Menelau criado por Zeus, dois homens que parecem da linhagem de Zeus soberano.
Mas diz-me: deveremos desatrelar os seus cavalos velozes
ou mandá-los para casa de outro, que os acolha com gentileza?”*³

Sabemos, Madalena, que estamos sempre todos com esta pergunta pela frente.

Jorge Barreto Xavier
Director-Geral das Artes
Setembro de 2008

² Rilke, Rainer Maria, “Poemas”, ASA, versão de Paulo Quintela (1942), 2003, Porto

³ Homero, “Odisseia”, Canto IV, vs 25, tradução de Frederico Lourenço, Cotovia, 2003, Lisboa